

A atualidade da filosofia tomista para à filosofia analítica¹

Mauricio Beuchot²

Tradução do Prof. Dr. Iveraldo Oliveira dos Santos³

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a atualidade do tomismo, principalmente a partir da filosofia analítica. A filosofia analítica é uma corrente de pensamento que desfruta de grande prestígio dentro da filosofia contemporânea. Dentro dela, há uma vertente chamada: *tomismo analítico*. Este artigo apresenta, de forma introdutória, a relevância do tomismo analítico para a lógica, a filosofia da linguagem, a filosofia da ciência, a metafísica, a ética, a filosofia do direito, a filosofia política e a filosofia da religião.

Palavras-chave: atualidade, tomismo e analítica.

The currentness of thomistic philosophy to analytic philosophy

Abstract

This article aims to present the actuality of Thomism, especially from the analytic philosophy. Analytic philosophy is a school of thought that enjoys great prestige in the contemporary philosophy. Inside it, there is a section called: Analytical Thomism. This Article presents an introductory way, the relevance of analytical Thomism to logic, philosophy of language, philosophy of science, metaphysics, ethics, philosophy of law, political philosophy and philosophy of religion.

Key-words: Present time, Thomism, Analytics.

Introdução

Estas páginas tratam de apresentar a atualidade que existe em vários pontos e temas da filosofia de Santo Tomás de Aquino. Certamente, é uma filosofia que deve muito ao pensamento de Aristóteles. Ela também recorre ao que há de melhor em outros sistemas filosóficos, sobretudo a Patrística e, dentro desse sistema, a Santo Agostinho. Tomás usa a filosofia para tecer uma reflexão sobre sua fé dentro do seu labor de teólogo. E é precisamente nessa reflexão sobre sua fé cristã que se encontram muitas de suas inovações como a famosa tese da distinção entre a essência e a existência, que desenvolveu

para distinguir Deus das demais criaturas. Ele também obteve muitos conhecimentos a partir dos debates travados com pensadores medievais, tanto judeus, como árabes e cristãos.

Não se deve pensar que ele é unicamente um filósofo medieval. Além disso, poderia perguntar-se: que coisas em seu sistema conservam validade na atualidade? Quais de suas teses dizem algo para o homem de hoje, tanto para aprovar suas reflexões como também para criticá-las, a título de elementos interessantes para a discussão filosófica? Veremos que Santo Tomás é útil para o pensamento atual e especialmente no âmbito da filosofia analítica, a qual é uma das correntes mais atuais do pensamento. De fato, fala-se de um tomismo analítico, e se ouvirão mais comentários semelhantes.

1 Santo Tomás e a filosofia atual

O Aquinate tem demonstrado uma singular pujança e atualidade em recentes discussões filosóficas. Por exemplo, tem sido usado na chamada filosofia analítica de tal modo, que se fala de um tomismo analítico, no qual podem ser colocados autores como: E. Anscombe, P. Geach, A. Kenny, I. M. Bochenski, M. Krapiec, D. Dubarle, S. Breton, J. F. Ross, W. Redmond, J. Haldame, F. Inciarte, A. Llano, C. I. Massini e outros⁴. Esse tomismo analítico segue cultivando-se⁵.

Essa é uma amostra da vitalidade do tomismo que segue vivo e oferece respostas e possibilidades de discussões. É verdade que muitas das teses defendidas pelo Aquinate morreram com o tempo, estão presas em sua época, ou seja, ao século XIII, porém outras seguem vivas e atuantes e, inclusive, são revitalizadas. Muitas teses tomistas podem ser revitalizadas à medida que o próprio tomismo não se dedique tanto a conservar a doutrina do Angélico e, sim, a desenvolver um diálogo com novas correntes⁶. Assim o tomismo poderá oferecer muito mais e, ao mesmo tempo, fortalecer outras correntes de pensamento e, com isso, fazer jus ao nome *Philosophia Perennis*. Veremos alguns exemplos concretos da atualidade do tomismo em diversas disciplinas e ramos filosóficos.

2 Santo Tomás e a filosofia atual da ciência

Uma das áreas em que, todavia, encontram-se vigentes algumas ideias tomistas é a filosofia da ciência. Essa vigência acontece apesar de haver, dentro da ciência, ideias contrárias ao tomismo. As ciências modernas surgiram a partir do aprofundado desenvolvimento do aspecto experimental de diversos ramos da filosofia. Uma das características das ciências é o forte uso da matemática. Além disso, elas, atualmente, possuem um forte caráter quantitativo. É sempre bom frisar que, antes, era apenas qualitativo. É bom lembrar que foi justamente o caráter experimental que terminou marcando a separação entre o Aquinate e a ciência⁷.

Ao contrário do que muitos pensam, não foi o aspecto do método lógico-formal que ocasionou a deficiência científica do medievo, mas, sim, o aspecto do método material e empírico. A lógica e a metodologia escolástica eram bastante aceitáveis, apesar de suas deficiências⁸. Sobre tudo no aspecto dedutivo, a lógica grego-medieval é muito valorizada pelos historiadores da lógica. No entanto, no tocante ao uso da intuição, como muitas vezes foi demonstrado, é um tanto ingênua. Inclusive, nesse período histórico, conhecia-se o método hipotético-dedutivo na forma de um raciocínio *ex suppositione* desenvolvido por Grosseteste, Rogerio Bacon e São Alberto Magno, o mestre de Santo Tomás⁹. Nesse mesmo período, também se fez uso do aparato matemático, mesmo que de forma incipiente, como é o caso dos matemáticos de Oxford¹⁰.

A distinção entre a ciência moderna e a medieval é realizada a partir da utilização da matemática e, ainda mais, do uso da experimentação e da especulação. Entretanto, é preciso frisar que a lógica foi mais forte no medievo do que no início da modernidade com Galileu, Descartes, etc. O problema é que não se baseava na experiência e, por conseguinte, não houve a preocupação de disseminar a experimentação como um dos aspectos da metodologia (o método empírico). De certa maneira, por causa de sua capacidade experimentadora, a ciência moderna foi, pouco a pouco, desbancando a ciência medieval. Isso aconteceu apesar das várias ideias que não funcionaram como o projeto de unificação dos saberes a partir da filosofia, o qual foi o ideal

apresentado na célebre *Enciclopédia da ciência unificada*, de Russell e Carnap.

3 Santo Tomás e a análise linguística

A filosofia da linguagem presente no tomismo possui muita atualidade. Hoje em dia, há um reconhecimento das suas teses. E não somente isso. Há toda uma vertente de tomistas que faz uso da filosofia analítica. Essa corrente é chamada de tomismo analítico¹¹. E também de tomismo wittgensteiniano¹². Muitos dos elementos da filosofia da linguagem presente em Tomás combinam com a filosofia analítica da linguagem e podem desenvolver com a mesma um diálogo frutífero. Alguns dos representantes dessa corrente são: E. Anscombe, P. Geach, A. Kenny, J. Haldame e o próprio autor dessa lista, ou seja, Mauricio Beuchot¹³.

Dentro da filosofia da linguagem, Geach desenvolve uma comparação de Tomás com Frege, demonstrando, com isso, que há vários pontos comuns entre ambos. Por exemplo, a noção de signo possui os seguintes aspectos: sentido e referência em Frege e significação e suposição em Tomás. Ambas são amplamente coincidentes. A não ser no *status* ontológico, pois para Frege, os sentidos são uma espécie de ideias platônicas e, para Tomás, conceitos mentais. Além disso, Geach observa que Tomás coincide com Wittgenstein com relação à ideia de que a linguagem é pública, ou seja, não é privada e, por conseguinte, tem caráter social e não individual. Sobre essa questão, Tomás fala de uma linguagem de conceitos e Geach mostra como ele está indicando a ideia de que não existe uma linguagem privada. Com efeito, existe a disposição para falar, por meio da expressão, publicamente, o que pensamos; e a aquisição da fala não é um ato meramente abstrato, mas, sim, fruto das relações comunitárias¹⁴.

Ademais, Tomás tem uma estrutura de sujeito e predicado (SP) e não de sujeito, cópula e predicado (S é P). Nesse ponto, ele coincide com Frege e se diferencia de Ockham e outros que incluem a cópula. Trata-se, pois, de uma ideia muito acertada, na qual o sujeito é o argumento e o predicado é a função¹⁵. E, além disso, a quantificação é semelhante em ambos os pensadores (Tomás e Frege). Tanto em

Tomás como em Frege, o quantificador está na parte do predicado e não no sujeito. Isso é importante porque ressalta o caráter de função relacionado à dimensão enunciativa da proposição¹⁶. A doutrina geral da semântica dos nomes próprios, assim como dos nomes comuns, coincide com Frege. Os nomes próprios são os sujeitos por excelência e os comuns os predicados por excelência¹⁷. Igualmente, Geach aponta como, em certos casos (quando o sujeito individualiza o nome próprio), a existência pode ser predicado lógico e não somente gramatical, isto é, um predicado válido¹⁸. Mesmo assim, com relação à semântica da lógica modal, Geach defende uma modalidade que, ligada à necessidade, a qual conduz às essências, isto é, defende o essencialismo aristotélico-tomista como interpretação semântica ou ontossemântica da lógica modal¹⁹.

Para ele, esse pressuposto lógico já está contido em um eminente tomista. Trata-se do dominicano São Vicente Ferrer, o qual, na perspectiva de Geach, se antecipou à ideia de C. S. Peirce de signos tipo (*type*) e signos réplica (*token*), com a sua ideia de uma simples suposição material e distribuída de forma discreta, ou seja, o quantificador. De modo que, por exemplo, o signo tipo *livro* designaria a todos os signos que tangem essa forma. O uso constante da forma *livro* é apenas uma réplica desse mesmo signo e o seu uso não acarreta o desaparecimento de qualquer outro signo. Dessa forma, Vicente Ferrer se antecipou a Frege em seu esquema de sujeito e predicado, com o quantificador do lado do predicado. E também se antecipou à noção de Quine, de que o sujeito é um signo saturado e, por conseguinte, o predicado é uma falsa saturação. Ele também se antecipou à ideia de Strawson, da simetria entre sujeitos e predicados. Como se vê, a semântica tomista (a filosofia da linguagem) é altamente compatível com a semântica da linguagem de certos setores da filosofia analítica. Essa compatibilidade se estende desde os mais clássicos, ou seja, a semântica de Frege, até os principais aspectos de Wittgenstein, da forma como é demonstrado por Geach. Filósofos da linguagem da linha analítica, como Strawson, Chisholm e Armstrong têm apreciado as doutrinas do Aquinate nesse campo²⁰.

4 Santo Tomás e a lógica matemática

A lógica matemática, ou melhor, a lógica simbólica, é uma formalização mais abstrata e útil da lógica formal (a lógica simbólica, antes de ser lógica formal, seria uma lógica formalizada). Aristóteles desenvolveu a silogística, a qual contém uma lógica de predicados e de quantificadores, como forma axiomática, da forma como foi demonstrado por Lukasiewicz²¹. A lógica proposicional e o cálculo de enunciados foram desenvolvidos pelos estóicos, que estavam atentos à proposição hipotética (e, segundo alguns, esse desenvolvimento se deu a partir da lógica aristotélica). Santo Tomás recorre a todo esse desenvolvimento, enriquecendo, com isso, a lógica medieval, a saber: a lógica das sùmulas, o *parva logicalia*. Assim, ele incorporou coisas como, por exemplo, *consequentiae* (listas de regras de inferência), as *obligationes* (a lógica simbólica). O objetivo dessas incorporações era o diálogo com os escolásticos e outras escolas.

Como demonstrou Lukasiewicz, a silogística era uma axiomática, pois os quatro modos da primeira figura (Barbara, Celarent, Dari e Ferio) servem como axiomas para os demais modos, da segunda e terceira figuras respectivamente, que se reduzem a elos de maneira direta (por conversão proposicional), ou indireta (por redução ao absurdo). A lógica proposicional, de origem estoica, foi desenvolvida pelos escolásticos medievais em seus diversos tratados. Assim, encontramos algumas regras desenvolvidas pelos escolásticos, mas que, atualmente, são atribuídas a lógicos contemporâneos como, por exemplo, as leis de De Morgan e a lei de Peano (do fator), as quais eram conhecidas na Idade Média²².

Apensar de ter sido negado esse fato, os escolásticos tinham a quantificação não somente no sujeito, mas também no predicado, o chamado quantificador múltiplo²³. Também Russell, que é apontado por Schroeder como um dos fundadores da lógica, falou sobre as origens da lógica contemporânea, da forma como indica Peirce, afirmando que ele só atingiu o desenvolvimento da lógica a partir dos escolásticos²⁴. Além disso, o próprio Tomás desenvolveu elementos mais claros da lógica de relações²⁵.

Tomás demonstra que a lógica modal, que foi muito bem elaborada pelos escolásticos, não tanto em seu breve opúsculo sobre as proposições modais, que, na verdade, é muito mais um trabalho de principiante, o qual leva em conta a utilização dos conceitos de lógica modal presentes em suas obras maiores, de conteúdos filosófico e teológico, como na *Suma Teológica*²⁶. De fato, vê-se, em Santo Tomás, um dos filósofos mais atentos à lógica e mais cuidadosos com sua aplicação, tanto na filosofia como na teologia. Foi essa mensagem que o grande lógico polonês I. M. Bochenski, seguidor do Aquinate, sempre transmitiu aos tomistas e desejava que eles seguissem esse princípio, mas nem sempre ele foi escutado.

5 Santo Tomás e a teoria do conhecimento na filosofia analítica

É público que os filósofos analíticos aproveitaram muito dos conteúdos presentes na teoria do conhecimento tomista, principalmente a representação formada pelos tomistas analíticos. Por exemplo, Wilfrid Sellars estudou a noção de espécie, sobretudo a espécie sensível, e notou como é útil a epistemologia atual²⁷. Roderick Chisholm é um filósofo analítico que tem usado alguns conceitos de Aristóteles em suas pesquisas epistemológicas²⁸. No lodo dos tomistas analíticos, pode ser citada a construção gnosiológica desenvolvida pelo tomista analítico, já mencionado, Peter Thomas Geach, o qual é um clássico da filosofia analítica, sobre os atos da mente²⁹. Por sua parte, também Elizabeth Anscombe demonstra um sensível interesse na síntese entre a doutrina tomista e a tradição analítica. Aplicando esse interesse ao estudo dos eventos da mente³⁰. De igual modo, Anthony Kenny tem desenvolvido muitas teses do Aquinate³¹. Ele tem estudado, a partir do Aquinate, alguns aspectos do conhecimento necessário e sua relação com o contingente, isto é, do *a priori* com o *a posteriori*³².

6 A atualidade da filosofia natural tomista

Frente à ciência moderna, muitas coisas da física aristotélico-tomista ficaram para trás. Porém, muitas outras estão relevando sua inesperada atualidade. Por exemplo, o hilemorfismo, que, recentemente,

foi defendido por filósofos da ciência tão diferentes como Patrick Suppes e Jesús Mosterín³³. Outro grande filósofo da ciência, Rom Harré, o qual também é um seguidor da filosofia analítica, tem defendido alguns conceitos da ciência aristotélica como a noção de causa e de determinismo. Essa defesa é fundamentada por alguns filósofos analíticos como, por exemplo, Elizabeth Anscombe³⁴. Tudo indica que existem aspectos dentro do tomismo que são valiosos para a ciência desenvolvida na atualidade e para a filosofia da ciência de linha analítica. É bom ressaltar que a filosofia da ciência de linha analítica é a corrente filosófica que discute a ciência com o maior grau de rigor metodológico e conhecimento das estruturas internas da ciência. Muitas das teorias e princípios mais concretos do tomismo têm sido recuperados por investigações atuais na tentativa de demonstrar o quanto a ciência atual é correta e avançada³⁵. Um bom exemplo disso é que os conceitos de matéria, forma e hilemorfismo foram recuperados por nada menos que Heisenberg.

7 Santo Tomás e a metafísica na filosofia analítica

No âmbito da metafísica, tem havido uma revitalização de Santo Tomás dentro dos ambientes da filosofia analítica. Por exemplo, Milesław Krapiec tem utilizado *ex professo* a semiótica e a lógica matemática para estruturar a metafísica³⁶. O mesmo tem feito J. Kalinowski³⁷. Seguindo o mesmo princípio, Bochenski e James têm trabalhado na analogia com a lógica analítica³⁸. Por sua vez, Roderick Chisholm tem repensado o problema da noção de pessoa a partir dos termos tomistas³⁹, e Ernesto Sosa tem revisitado a causalidade⁴⁰. Fernando Inicarte Armiñan tem comparado certos temas metafísicos tomistas com a filosofia analítica⁴¹. O tomista Alejandro Llano tem revisado o estatuto cognoscitivo da metafísica à luz das teorias analíticas⁴². E o trabalho continua⁴³. Muitos temas da metafísica tomista, quando comparados com os novos métodos lógico-semânticos da filosofia analítica, mostram-se muito vivos e vigentes, cheios de conteúdo. E o que é mais importante: esses temas podem injetar, na própria filosofia analítica, novos aportes e conteúdos filosóficos.

8 Santo Tomás e a atual filosofia da mente

Talvez a doutrina do Aquinate que mais tenha aplicação atualmente seja a sua filosofia da mente, particularmente a filosofia da mente de inspiração analítica. Anthony Kenny tem sido um dos mais promissores promotores⁴⁴. A utilização que ele faz do tomismo analítico na filosofia analítica da mente tem servido para comparar o privatismo e internalismo cartesianos com o publicismo e o externalismo de Wittgenstein.

Muitas teorias e doutrinas tomistas como, por exemplo, sobre as disposições, hábitos e virtudes, assim como sobre as paixões, apetites, intencionalidade, etc, têm sido utilizadas, de forma proveitosa, por autores como, por exemplo, o já mencionado Kenny e os mais atualizados estudiosos da filosofia da mente.

Elizabeth Anscombe, utilizando elementos tomistas, tem produzido uma obra clássica da filosofia analítica, especialmente sobre o tema da intencionalidade, que tem revolucionado a reflexão sobre esse conceito na filosofia⁴⁵. Enquanto isso, pesquisadores como, por exemplo, Keeny e Geach⁴⁶, demonstraram a atualidade de refletir sobre a alma e suas potências.

9 Santo Tomás e a filosofia analítica da moral e do direito

A filosofia analítica também aproveitou muitas ideias do Aquinate tanto na ética como também na filosofia do direito. Na ética, esse aproveitamento tem sido feito por Germain Grisez e representantes do tomismo analítico. Isso pode ser visto em algumas das suas obras⁴⁷. Também pode ser visualizado na obra de Alan Donagan⁴⁸. Algo parecido tem sido feito por Peter Geach e Elizabeth Anscombr⁴⁹. Dentro da filosofia do direito, tem-se destacado John Finnis. Ele tem posto várias teses do Aquinate, juntamente com a filosofia analítica, a tal ponto que tem sido muito admirado pelos filósofos analíticos. É claro que há as naturais discordâncias. Seu livro *Aquinas*⁵⁰ é um exemplo do tomismo analítico aplicado à ética e à filosofia do direito. Ademais, em filosofia do direito, seu livro *Natural Law and Natural Rights*⁵¹ tem sido um manifesto do jusnaturalismo tomista dentro da

mais recente jusfilosofia analítica. Utilizando as mesmas técnicas da discussão realizada pelos analíticos, ele conseguiu introduzir muitas teses tomistas dentro dessa corrente e, por conseguinte, tem conseguido colocar em circulação um jusnaturalismo tomista orientado por novos modos de argumentar. Essa posição tem sido seguida por outros tomistas analíticos como, por exemplo, Calos I. Massin⁵² e outros⁵³.

10 Santo Tomás e a filosofia analítica da política

Tem havido várias intenções de recuperar a filosofia política do Aquinate para trabalhar e até mesmo reformular a filosofia analítica. Um precário exemplo é o do italiano Francesco Viola, o qual tem renovado os princípios tomistas diante das teorias liberais, do comunismo, da política do reconhecimento e do republicanismo⁵⁴. Dessa mesma forma, é possível pensar em aplicações das ideias tomistas às novas situações⁵⁵. Tem havido profundas reflexões sobre a natureza do Estado moderno, muitas delas provenientes da linha analítica e ancoradas no tomismo⁵⁶. Além disso, tem sido utilizado o instrumental conceitual da filosofia analítica para revisar conceitos, teses e teorias da filosofia política tomista⁵⁷.

11 Santo Tomás e a filosofia analítica da religião

Para ser sincero, o nome atual da filosofia analítica é: *filosofia analítica da religião*, o que antes se chamava teologia natural ou teodiceia. Mais do que ciência da religião (um tanto como a filosofia da religião de corte fenomenológico), a filosofia analítica da religião é um estudo muito filosófico acerca de Deus. Dentro desses estudos de viés analítico, tem havido uma revitalização de muitas teses de Santo Tomás.

Peter Geach, em *God and the Soul*, usou vários conceitos tomista de maneira analítica⁵⁸. O mesmo procedimento foi feito por Anthony Kenny. Ele é um tanto mais crítico do que Peter Geach. Seu pensamento sobre esse tema é encontrado em: *The Five Ways* e também *The God of the Philosophers*⁵⁹. Ao final da vida, Bochenski

realizou uma revisão lógica das cinco vias tomistas⁶⁰. Ele refletiu, a partir da perspectiva analítica, acerca da estrutura lógico-semântica da terceira via tomista⁶¹. Além disso, tem havido intenções de repensar, globalmente, os principais problemas da teodiceia, da teologia natural e da filosofia da religião, de índole tomista, a partir da filosofia analítica.

Conclusão

Como pode ser visto, é, sobretudo na filosofia analítica, que é possível pensar-se em um encontro entre o tomismo e a filosofia contemporânea. A filosofia analítica é uma corrente de pensamento muito séria e nela se reconhece uma vertente chamada: *tomismo analítico*. Essa vertente pode ser aplicada a vários ramos filosóficos, tais como: a lógica, a filosofia da linguagem, a filosofia da ciência, a metafísica e a ontologia, a filosofia natural, a ética, a filosofia do direito, a filosofia política e a filosofia da religião. Grandes nomes, no campo da filosofia atual, têm-se utilizado das teses tomistas para cultivar o tomismo analítico. Tudo isso é uma clara amostra da vitalidade que tem a filosofia tomista, a qual depende de todos os pensadores e estudiosos que se autoproclamam *tomistas* para que sua revitalização seja ainda mais forte.

Notas

- ¹ Este artigo nasceu de uma conversa, via e-mail, entre Mauricio Beuchot (UNAM, México) e Iveraldo Santos (UERN, Brasil). Trata-se de um artigo inédito, o qual discute a relação entre a atualidade do tomismo e a filosofia analítica. O resumo, tanto em português como em inglês, foram escritos por Iveraldo Santos. Agradecemos a Mauricio Beuchot a gentileza de ter-nos enviado este brilhante artigo.
- ² Mauricio Beuchot é professor titular do Instituto de Investigações Filosóficas da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Suas áreas de pesquisa são: filosofia medieval, tomismo, filosofia analítica, hermenêutica e filosofia latino-americana. Ele é um dos grandes nomes da filosofia na América Latina e uma das investigações mais promissoras desenvolvidas por ele é o diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica, especificamente no âmbito da filosofia da linguagem e sua relação com a metafísica. Entre seus livros destacam-se: *Elementos de Semiótica* (UNAM, 1979), *El problema de los*

- universales* (UNAM, 1979), *La filosofía del lenguaje en la Edad Media* (UNAM, 1981), *Filosofía analítica, filosofía tomista e metafísica* (UIA, 1983), *La essência y la existência en la filosofía escolástica medieval. Su repercusión en la filosofía analítica actual* (UNAM, 1992), *La Semiótica* (UNAM, 2004), *Los principios de la filosofía social de Santo Tomás* (IMDOSOC, 2002), *El tomismo en el México del siglo XX*, (UNAM-UIA, 2004), *Tratado de hermenéutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación* (UNAM, 2005).
- ³ Doutor em estudos da linguagem, professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.
- ⁴ Ver o número dedicado a *Analytical Thomism* na revista *The Monist*, 80/4 (1997). Ver também S. J. Castro, “En torno al tomismo analítico”, em *Estudios Filosóficos* (Valladolid, Espanha), 140 (2000), pp. 151 ss. E N. Conde Gaxiola, Mauricio Beuchot y la filosofía analítica. Su tomismo analítico”, em *Estudios Filosóficos* (Valladolid, Espanha), 53 (2004), pp. 379 ss.
- ⁵ É o que tentei fazer em minhas obras: *Filosofía analítica, filosofía tomista y metafísica*, México: Universidad Iberoamericana, 1983; *Lógica y ontología*, Guadalajara (México): Universidad de Guadalajara, 1986; *Conocimiento, causalidad y metafísica*, Xalapa (México): Universidad Veracruzana, 1987; *Tópicos de filosofía y lenguaje*, México: UNAM, 1991; *Interpretación y realidad en la filosofía actual*, México: UNAM, 1996; *Sobre el realismo y la verdad en el camino de la analogicidad*, México: Universidad Pontificia, 1999 e, por último, *El tomismo en el México del siglo XX*, México: UNAM-UIA, 2004.
- ⁶ Também tem havido um diálogo entre o tomismo e a filosofia da pós-modernidade, por exemplo, por parte de Alasdair MacIntyre. Sobre isso conferir: Th. S. Hibbs, “MacIntyre’s Postmodern Thomism”, em *The Thomist*, 57 (1993), pp. 277 ss.
- ⁷ Sobre essa questão, é bom ressaltar que, certamente, alguns pensadores medievais promoveram o método experimental, como Alberto Magno, Roberto Grosseteste, Rogerio Bacon, Teodorico de Friburgo e alguns outros. Entretanto, esses pesquisadores foram célebres exceções. Recomenda-se conferir: R. Harré. *El método de la ciencia*. México: CONACYT, 1980, pp. 11-23.
- ⁸ Sobre esse tema conferir: L. Veja Reñon. *Artes de la razón. Uma historia de la demostración em la Edad Media*. Madrid: UNED, 1999, pp. 136 ss.
- ⁹ Recomenda-se consultar: W. A. Wallace. “Albertus Magnus on Suppositional Necessity in the Natural Sciences”, em J. A. Weisheipl (ed.). *Albertus Magnus and the Sciences. Commemorative Essays*. Toronto: Toronto University Press, 1980, pp. 103 ss.
- ¹⁰ Sobre essa questão conferir: C. Wilson, William Heytesbury. *Medieval Logic and the Rise of Mathematical Physics*. Madison: University of Wisconsin, 1960, pp. 87 ss.

- ¹¹ É importante consultar o volume 80/4 (1997) da revista *The Monist* organizado por John Haldame, dedicado ao *Analytical Thomism* (Tomismo Analítico).
- ¹² R. Pouivet. *Après Wittgenstein, Saint Thomas*. Paris: PUF, 1997, pp. 79 ss.
- ¹³ S. J. Castro, artigo citado, pp. 156 ss.
- ¹⁴ P. Th Geach. *Mental Acts*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971 (reimpresso), pp. 72 ss.
- ¹⁵ *A History of the Corruptions of Logic*. Leeds: University Press, 1968, pp. 16 ss.
- ¹⁶ *Reference and Generality*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1970, pp. 171 ss.
- ¹⁷ Maurico Beuchot. *Lógica y Ontología*. Ed. Cit., pp. 44 ss.
- ¹⁸ P. Th. Geach. “form and Existence”. No mesmo *God and the S*London: *Routledge and Kegan Paul*, 1970, pp. 42 ss.
- ¹⁹ P. Th. Geach. “The Identity of Propositions”, no mesmo: *Logic Matters*. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press, 1972, p. 174.
- ²⁰ F. Gomes. *J. Nubiola, Filosofia Del language*. Barcelona: Hrder, 1999, pp. 112 ss.
- ²¹ J. Lukasewicz. *Aristotle’s Syllogistic from the Standpoint of Modern Formal Logic*. Oxford: Clarendon Press, 1951, pp. 58 ss.
- ²² Sobre esse assunto, conferir: J. Bochenski. *Nove Lezione di Logica Simbolica*. Bologna: Ediziono Studio Domenicano, 1995, pp. 71 e 85.
- ²³ A origem do quantificador múltiplo pode ser rastreada até chegar aos antigos. Sobre esse tema conferir: M. Mignucci. “La teoria della quantificazione del predicato nell’antichita clássica”, em *Anuario Filosofico*, XVI/1 (1983), pp. 11 ss.
- ²⁴ M. Beuchot. *Estudos sobre Peirce y La escolástica*. Pamplona: Cuadernos de Anuario Filosofico. Seria Universitaria, 2002, pp. 66 ss.
- ²⁵ M. Malatesta. “La logica delle relazioni nella Suma Theologie di Tommaso d’Aquino”. Em *Ressegna di Scienze Filosofiche*, 26 (1973), pp. 65 ss. Do mesmo autor: “Logica e ontologia delle relazione nel pensiero di Tommaso d’Aquino”, em *Ressegna di Scienze Filosofiche*, 26 (1973), pp. 273 ss, “La problemática tomistica delle relazione Allá luce della lógica matemática e dei moderni indirizzi di oensiero” *Ressegna di Scienze Filosofiche*, 27 (1974), pp. 227 ss.
- ²⁶ S. Knuuttila. “Modal Logic”. Em N. Kretzmann (Ed). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 342 ss.
- ²⁷ W. Sellars. “Being and Being Known”. *Science, Perception and Reality*. London: Routledge and Kegan Paul. New York: The Humanities Press, 1966, p. 41.
- ²⁸ R. Chisholm. *Theory of Knowledge*. Englewood-Cliffs. N. J.: Prentice-Hall, 1966, pp. 32 ss.
- ²⁹ P. Th. Geach. *Mental Acts*. Their Contents and their Objects. Ed. Cit., pp. 32 ss.

- ³⁰ Sobre esse tema, conferir: G. E. M. Anscombe. “Events in the Mind”, em *The Collected Papers of G. E. M. Anscombe*. Metaphysics and the Philosophy of Mind. Oxford: Basil Blackwell, 1981, pp. 57 ss.
- ³¹ A. Kenny. “Intencionalidade: Aquino y Wittgenstein” em *El legado de Wittgenstein*. México: Siglo XXI, 1994, pp. 101-122. Para as doutrinas de Tomás sobre o *verbum* utiliza a obra de Bernard Lonergan, um famoso epistemólogo tomsita.
- ³² M. Beuchot. Necessidade y contingencia en Aristoteles, Tomás de Aquino e Saul Kripke”. Em *Revista de Filosofia* (UIA), 15 (1982), pp. 211 ss. Além disso, recomendo a leitura de *Conocimiento, causalidad e metafísica*. Xalapa (México): Universidad Veracruzana, 1987.
- ³³ J. Mosterín. *Conceptos e teorias en La ciência*. Madrid: Alianza, 1984, pp. 65 ss.
- ³⁴ R. Harré. *Teorias i cosas*. Barcelona: Herder, 1965, pp. 63 ss. Do mesmo autor: *Introducción a La lógica de las ciencias*. Barcelona: Labor, 1967, pp. 74-76.
- ³⁵ Sobre essa questão, conferir: M. Beuchot. *Filosofia analítica, filosofia tomista y metafísica*. Ed. Cit., pp. 71 ss. Também do mesmo autor: *Conocimiento, causalidad e metafísica*, Ed. Cit., pp. 123 ss.
- ³⁶ M. Krapiec. “Pour une interprétation contemporaine de la métaphysique thomiste”. Em *Miscellanea Mediaevalia*, 2 (1963), pp. 342 ss.
- ³⁷ G. Kalinowski. “L'impossible métaphysique. Paris: Beauchesne, 1981, pp. 184 ss.
- ³⁸ I. M. Bochenski. “On Analogy”. *The Thomist*, 11 (1948), pp. 474 ss., J. F. Ross. *Portrayling Analogy*. Cambridge University Press, 1981, pp. 58 ss.
- ³⁹ Sobre essa questão, conferir: R. M. Chisholm. *Person and Object: a Metaphysical Study*. London: George Allen and Unwin, 1976, pp. 91 ss.
- ⁴⁰ E. Sosa. “Tipos de causalidade”, em *Crítica*, vol. X, n. 30 (1978), pp. 13 ss.; “Introduction” em *Causation and Conditionals*. Oxford: Oxford University Press, 1980, pp. 1-4.
- ⁴¹ F. Inicarte Armiñan. *El reto del positivismo lógico*. Madrid: Rialp, 1974, pp. 98 ss.
- ⁴² A. Llano. *Metafísica y lenguaje*. Pamplona: Eusa, 1984, pp. 137 ss.
- ⁴³ Pode ver, por exemplo, M. Beuchot. *La essência y la existência en la filosofía escolástica medieval. Su repercusión en la filosofía analítica actual*. México, UNAM, 1992, pp. 59 ss.
- ⁴⁴ A. Kenny. *Aquinas on Mind*. London: Routledge, 1993, pp. 73 ss.
- ⁴⁵ G. E. M. Anscombe. *Intention*. Oxford: Blackwell, 1957, pp. 39 ss. Da mesma autora: “The Intentionality of Sensation”, em *Metaphysics and the Philosophy of Mind. Collected Philosophical Papers II*. Minneapolis: University Minnesota, 1981, pp. 3 ss.
- ⁴⁶ A. Kenny. “The Origin of the Soul”. *The Development of Mind*. Edinburg: University Press, 1973, p. 46 ss. Além disso, *The Metaphysics of Mind*. Oxford: Clarendon Press, 1989. P. T. Geach. *Mental Acts*. Ed. Cit., pp. 41 ss; *God and the Soul*, ed. Cit., pp. 80 ss.

- ⁴⁷ G. Grisez. “The First Principle of Practical Reason: A Commentary on the *Summa Theologiae*, 1-2, Question 94, Article 2”, em *Natural Law Forum*, 10 (1965), pp. 168 ss.
- ⁴⁸ A. Donagan. “Thomas Aquinas on Human Action”, em N. Kretzmann, A. Kenny, J. Pinborg (eds.). *The Cambridge history of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- ⁴⁹ P. Th. Geach. *Las Virtudes*. Pamplona: Eunsa, 1993, pp. 126 ss. G. E. M. Anscombe. “Modern Moral Philosophy”, em *Philosophy*, 33 (1958).
- ⁵⁰ J. Finnis. *Aquina. Moral, political and Legal Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 38 ss.
- ⁵¹ J. Finnis. *Natural Law and Natural Rights*. Oxford: Clarendon Press, 1980 pp. 121 ss.
- ⁵² C. I. Massini. *La falácia de la falácia naturalista*. Santiago de Chile: Corripio, 1995.
- ⁵³ Sobre esse tema conferir: M. Beuchot. *Filosofia e derechos humanos*. México: Siglo XXI, 1993; *Derechos humanos, iuspositivismo e iusnaturalismo*. México: UMAN, 1996; *Derechos humanos, historia y filosofia*. México: Fontmara, 1999.
- ⁵⁴ F. Viola. *Identita e communita. Il senso morale de la política*. Milano: Vita e Pensiero, 1999.
- ⁵⁵ J. Catto. “Ideas and Experience in the Political Thought of Aquinas”, em *Past and Present*, 71 (1976), pp. 3-21.
- ⁵⁶ P. E. Sigmund. *Natural Law in Political Thought*. Cambridge: Mass. Winthrop Press, 1971.
- ⁵⁷ M. Beuchot. *Los principios de la filosofia social de Santo Tomás*. México: IMDOSOC, 2002.
- ⁵⁸ P. Th. Geach. *God and the Soul*, ed. Cit, pp. 57 ss.
- ⁵⁹ A. Kenny. *The Five Ways. St. Thomas Aquinas’ Proofs of God’s Existence*. London: Routledge and Kegan Paul, 1969. Do mesmo autor: *The God of the Philosophers*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- ⁶⁰ J. M. Bochenski. “The Five Ways”, em A. Garcia de la Siera (ed.). *The Rationality of Theism*. Amsterdam. Atlanta: Rodopi, 2000, p.. 61-92.
- ⁶¹ M. Beuchot. “Saint Thomas’ Third Way: Possibility and Necessity, Essence and Existence”, em *ibid*, pp. 93-108.

Endereços para contato:

Ivanaldo Oliveira dos Santos

E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br